

MEMORIAL DESCRITIVO

Nome: VITOR CARVALHO GOMES

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2171763302024624>

Tema de estudo: Interesses de pesquisa voltados à área da sustentabilidade em temas que envolvam o cotidiano, agricultura familiar e representações sociais a partir de análises qualitativas.

Me chamo Vitor, nasci em 27 de abril de 1985, no interior de Minas Gerais, na cidade de Patos de Minas, situada na região do Alto Paranaíba, próxima ao triângulo mineiro. Atualmente, tenho 38 anos. Sou filho de Antônio Pedro Gomes e Maria de Fathma Carvalho Gomes, um pedreiro e uma costureira, respectivamente. Com muito esforço na vida, meus pais me proporcionaram um ambiente familiar acolhedor. Minha mãe sempre teve a preocupação de garantir que tivéssemos acesso a uma boa educação, e por isso nunca mediu esforços para que, mesmo morando em um bairro periférico da cidade, eu e minha irmã pudéssemos estudar na melhor escola pública local. Desde a pré-escola até a conclusão do Ensino Médio, percorri as inúmeras salas daquele prédio antigo, porém imponente, que me permitiu vislumbrar a oportunidade de cursar o ensino superior.

Aos 12 anos, comecei a trabalhar com meu pai como ajudante de pedreiro. Chegava da escola e tinha cerca de 15 minutos para me trocar e almoçar, pois em Minas o almoço é servido pontualmente às 11h e meu pai retornava ao trabalho pontualmente às 12h. O tempo que eu tinha disponível era entre 11h45 e 12h para me organizar. Por alguns anos, sempre o ajudei na construção. Ele dizia que era melhor estar ali, com ele vendo o que eu estava fazendo, do que em casa sozinho, eu e minha irmã. Aos 15 anos, minha mãe me inscreveu em um curso de Capacitação Profissional em um órgão da Secretaria de Assistência Social, na época denominado PROMAM. Fiz o curso e aos 16 anos fui chamado para trabalhar como Agente Rotativo (aqueles guardinhas que ficam na rua marcando os que fazem pagamento do antigo "talão da zona azul"). Lembro-me que houve uma grande resistência do meu pai em deixar que eu fosse trabalhar, inclusive em um emprego formal. Na visão dele, esse tipo de serviço era para "moleques vagabundos" e eu deveria estar aprendendo a profissão dele como pedreiro. Mas, mamãe, com muita delicadeza, conseguiu contornar a situação e tive a oportunidade de começar a trabalhar, com carteira assinada, quatro dias após completar 16 anos.

Nessa época, eu era fascinado por inúmeras coisas, especialmente tecnologia e eletrônicos; tudo me despertava muita curiosidade. Um colega de sala comentou comigo sobre um processo seletivo no SENAI para fazer um curso de Eletricista de Manutenção. Logo fui atrás de informações para saber como poderia me inscrever. Essa curiosidade que existia em mim já se manifestava através de pequenas ações, como instalar uma tomada para minha avó materna e suas vizinhas, puxar uma extensão do antigo telefone fixo e consertar luzinhas de Natal para que pudessem ser reutilizadas. Fui aprovado no processo seletivo na época e aqui começou a intensificar minha jornada. Trabalhava pela manhã, estudava no SENAI das 13h às 17h30 e passei a estudar à noite das 19h às 23h. Todo o trajeto era feito de bicicleta pelas ruas da cidade, algumas planas e outras cheias de morros. Por alguns meses, fui promovido de agente rotativo para office-boy e comecei a trabalhar no PROMAM, levando correspondências internas na prefeitura e atendendo demandas que eram designadas. No horário de almoço, eu estava sempre mais ocioso. Nessa época, conversei com uma pessoa responsável pelo escritório e propus que poderia digitar fichas ou fazer qualquer outra atividade para não ficar ocioso até o final da jornada.

Me autorizaram a digitar fichas antigas de ex-alunos e incluí-las em um sistema que havia sido desenvolvido pelo professor de informática. Como não tinha feito curso na área, aprendi por meio de dedicação, algumas apostilas do professor e momentos nos quais ele tirava minhas dúvidas, gradualmente entendendo como funcionava o trabalho em um escritório. Passados alguns meses, a secretária executiva na época me perguntou se eu teria interesse em trabalhar fixo no escritório como auxiliar administrativo, responsável pela digitação de ofícios, provas, textos, projetos de leis, entre outros documentos. Imediatamente aceitei. Segui nessa função por alguns meses, conciliando-a com minhas outras responsabilidades, incluindo o curso de Eletricista e o Ensino Médio. Ao término do Ensino Médio, também encerrou-se o curso do SENAI, assim como o prazo do meu contrato junto à prefeitura. Na época, a primeira dama, muito solícita, não queria que eu deixasse o cargo. Ela conseguiu um contrato para mim na função de "almoxarife", permitindo que eu continuasse trabalhando até o final do mandato daquela administração. Quando o término se aproximava, consegui um emprego como auxiliar administrativo na área do Departamento Pessoal de uma Construtora de Belo Horizonte, que já estava instalada em minha cidade há alguns anos, realizando obras de rodovias e pavimentação.

Aceitei essa oportunidade e, nesse momento, decidi iniciar um curso preparatório para o vestibular, pois foi uma grande frustração para mim terminar o ensino médio e não conseguir uma oportunidade de cursar o ensino superior. A única faculdade que existia na cidade era

privada, e me lembro que o valor da mensalidade era muito alto. Meu pai sempre deixou claro que não teria condições de me ajudar financeiramente. Não sei se era porque não desejava que eu estudasse ou se era sua forma de me incentivar a lutar na vida.

Nunca desisti de perseguir meus objetivos. Após enfrentar a frustração de não passar em dois vestibulares, finalmente fui aprovado no curso de Administração do Centro Universitário de Patos de Minas. A mensalidade era de R\$ 375,00, enquanto meu salário bruto na época era de apenas R\$ 350,00. Logo me vi em desespero, percebendo que essa conta não fecharia todo mês e que algo poderia dar errado, especialmente considerando a ausência de ajuda financeira do meu pai, um fato que sempre foi uma realidade para mim. Com o passar dos meses, utilizando parte da reserva que tinha, consegui pagar as mensalidades, comprar os inúmeros xerox necessários e realizar o sonho de frequentar aquele campus todos os dias. Em um dia de trabalho, recebi uma ligação inesperada da primeira dama, que anteriormente havia me oferecido uma oportunidade de emprego. Ela expressou sua felicidade pelo meu sucesso em ser aprovado no vestibular e informou que o marido dela, o ex-prefeito e membro do Conselho Diretivo da Fundação mantenedora do Centro Universitário, poderia indicar três pessoas para receber meia bolsa. Ela havia pedido a ele que uma dessas bolsas fosse destinada a mim. Aceitei essa notícia com grande alegria e entusiasmo! Com isso, tudo se equilibrou novamente em minha vida. No entanto, mesmo assim, muitas renúncias foram necessárias, como abrir mão de roupas e calçados novos, para que eu pudesse alcançar meu objetivo de cursar o ensino superior. Enquanto me dedicava aos estudos, ficava atento a todos os anúncios de estágio na área bancária. Acabei sendo aprovado em um processo seletivo do Banco ABN Amro Real e comecei a trabalhar como estagiário. No entanto, após algumas semanas, percebi que não me sentia à vontade naquele ambiente. A rotina não mais me entusiasmava, e a ideia de continuar ali já não me agradava, o universo bancário tem suas particularidades! Foi então que meu ex-chefe me ligou e me ofereceu uma oportunidade em outra filial da empresa, desta vez em Cabo Frio, no Rio de Janeiro.

Aos 22 anos, após muita reflexão, decidi aceitar o desafio de ser Gerente Administrativo da construtora em Cabo Frio. Negocieei salário, condições de viagem e até mesmo uma ajuda de custo para poder continuar estudando lá e conseguir pagar as mensalidades, uma vez que perderia a meia bolsa que o ex-prefeito havia conseguido para mim. Concluí a Faculdade de Administração, percorrendo diversas salas de aula e fazendo muitas amizades. Em cada uma delas, tinha grupos de estudos, pois tive que adaptar o currículo de Minas Gerais ao do Rio de Janeiro e cursar mais 25% do curso nesta nova faculdade. Organizei meu tempo e consegui finalizar o curso em 4 anos, mesmo fazendo disciplinas extras em outros

horários. Na vida profissional, permaneci por 8 anos em Cabo Frio. Durante esse período, fiz um MBA em Gestão de Finanças Corporativas na Universidade Gama Filho, visando aprimorar-me e manter-me neste universo acadêmico pelo qual tenho grande apreço e admiração. Em 2010, casei-me com Talita e tivemos três filhos: Antônio Vitor (11), Davi (10) e Maria (4). Um determinado dia a empresa decidiu encerrar suas atividades em Cabo Frio, propuseram-me assumir outra obra em Nova Cantu, no Paraná. Mudamos de estado e permaneci na região por quase dois anos, até decidir deixar a construtora e tentar montar meu próprio negócio. Comecei a estudar franquias, empresas e negócios que despertassem meu interesse e que me parecessem promissores. Durante uma conversa com um amigo de São Paulo, ele mencionou a inovação que estava ocorrendo na área de cuidados para idosos na cidade. Decidi, então, visitar um Centro Dia de Idosos em São Paulo e fiquei encantado com o serviço oferecido às famílias, que evitava a institucionalização dos idosos e fortalecia os vínculos familiares.

Decidimos então criar em Maringá o primeiro Centro-Dia de Idosos particular. Para isso, cursei uma Pós Graduação em Gerontologia na Facel em Curitiba. A paixão por pessoas idosas sempre esteve presente em minha vida. Desde os 11 anos de idade, participei de um movimento da Igreja Católica chamado "Vicentinos" (inclusive exercendo encargos de liderança a nível regional e nacional), em todo o Brasil existem mais de 600 lares de idosos. Cresci imerso nesse meio, cercado por pessoas simples, vindas do campo, que traziam consigo apenas as histórias do passado e as boas lembranças. O Centro-Dia em Maringá operou por quase 6 anos, até que veio a pandemia do COVID-19 e, infelizmente, não conseguimos suportar, o que nos levou a encerrar as atividades

Retornando ao mercado de trabalho, conversei um determinado dia muito com minha esposa sobre meu sonho de ser professor, mas nunca havia dado um passo para realizá-lo. Ela, sempre motivadora, me encorajou a começar, dar um passo de cada vez, e quem sabe eu conseguiria alcançar esse sonho. Na época, havia conseguido uma vaga de Supervisor Administrativo de Unidade na Cocamar, em Maringá, e depois fui promovido a Analista Administrativo na Administração Central, dando suporte a mais de 70 unidades. Concomitante, havia iniciado uma Pós Graduação na Uniube na área do Agronegócio.

Então, surgiu o edital do Programa de Mestrado em Sustentabilidade do IFPR/UEM em Umuarama. De forma despretensiosa, comecei a ler, pesquisar e escrever um projeto de pesquisa. Fiz minha inscrição e, a cada etapa avançada, experimentei alegria e incertezas. Incertezas de como iria conciliar a vida profissional e os estudos na academia. Por fim, chegou o grande dia do resultado final e fui aprovado.

No dia seguinte, expliquei à minha chefe a situação e se seria possível me ausentar para ir até Umuarama alguns dias da semana. Eu estava disposto a compensar os horários, pois não me sentia confortável em deixar o trabalho com três filhos para cuidar, colocando toda a carga do provimento sobre minha esposa e sem perspectiva de receber bolsa. No dia seguinte, ela me informou que seria possível e que poderia fazer minha matrícula, organizaria o departamento para que eu pudesse estudar e compensar minhas ausências.

Assim, fui fazendo o mestrado, com aulas remotas, aulas presenciais e participação em atividades, buscando dedicar o máximo de mim em tudo. No meio do caminho, um colega engenheiro com quem trabalhei em Cabo Frio me ofereceu uma oportunidade de trabalho em Forquilha, em Santa Catarina em uma outra Construtora, também em Belo Horizonte. A proposta era muito boa, então, mesmo assim, mantive o vínculo com o programa, indo e vindo fazendo as disciplinas e ajustando apenas a localidade da pesquisa que antes era no Paraná e passou a ser em Santa Catarina.

Acredito que seja uma grande ambição da minha parte, mesmo sem ter concluído o Programa de Mestrado, estar pleiteando uma vaga em um Programa de Doutorado. No entanto, esse é o meu sonho. Atualmente, aos quase 40 anos, compreendo plenamente a responsabilidade de cuidar dos meus filhos e proporcionar a eles um ambiente repleto de carinho, amor e segurança. No entanto, não me sinto mais pressionado pela urgência do tempo. Minha aspiração é realizar uma transição profissional, abandonando as rotinas administrativas dentro das organizações e ingressando em ambientes nos quais possa contribuir e influenciar positivamente outras pessoas na construção de um mundo melhor.

Desejo profundamente que meus filhos encontrem um mundo onde possam viver plenamente e contribuir ativamente para sua construção no dia a dia. O relato que compartilhei aqui pode não se enquadrar no perfil convencional de um estudante altamente produtivo na academia, imerso em projetos e missões acadêmicas. No entanto, ele revela, sem dúvida, minha determinação, força de vontade e desejo constante de evolução pessoal, apesar das várias limitações que enfrentei ao longo da minha vida estudantil. Desde muito cedo, foi necessário conciliar o trabalho, o que nunca me permitiu dedicar-me exclusivamente aos estudos.

Espero que, ao concluir o Doutorado em Administração, eu possa inspirar e motivar mais indivíduos a seguirem uma jornada semelhante. Pois a vida é como uma dança, fluida e em constante movimento, exigindo de nós uma adaptação contínua a cada nova realidade que se apresenta.